



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

CAETANO VELOSO E GILBERTO GIL: DA “INTERRUPÇÃO” DO TROPICALISMO À LEGITIMAÇÃO DA AUTORIDADE

Givanildo Brito Nunes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: gilbritonunes@gmail.com

Milene de Cássia Silveira Gusmão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mcsgusmao@gmail.com

FARIAS, Edson Silva de
Universidade de Brasília (UnB), Brasil
Endereço eletrônico: nilos@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Hostilizados à direita e à esquerda, Caetano Veloso e Gilberto Gil vivenciaram embates simbólicos em dois *happenings* aqui analisados à luz de Pierre Bourdieu: o discurso de Caetano contra as vaías no 3º Festival Internacional da Canção, em setembro de 1968; e o espetáculo da dupla com a banda Os Mutantes, na boate Sucata, em outubro. O *show* foi interdito por autoridades policiais com base em notícias sobre suposto “desrespeito” ao Hino Nacional e aos militares. Tais eventos foram divulgados e julgados pela imprensa da época, o que deu margem a que fossem amplificadas os efeitos dessas disputas de sentido. Resultado: prisão e exílio para Caetano e Gil, que só puderam retornar definitivamente ao Brasil em 1972.

Cinco décadas depois, a dupla de artistas permanece inserida nos meandros da produção e do consumo simbólicos. As reflexões que eles se propuseram a lançar, valendo-se de uma ousadia tanto na produção musical quanto na imagem com que essa produção era veiculada, seguem uma trajetória que não foi linear e se mantém em progresso. Constituiu-se, a respeito de ambos, uma memória baseada, em grande parte, em conteúdo imagético, desde os choques causados pelos *happenings* tropicalistas até a atual postura de “cânones” da cultura brasileira. Esse uso deliberado da imagem e do conteúdo estético como meios de constituição de memória se mantém nos dias atuais, quando ambos se utilizam das tecnologias digitais para produzir novas significações e

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

fazê-las circular – e, nessa via, envolver-se em novos embates de sentido. A memória constituída, portanto, reforça-se, renova-se e também é posta em questão. No léxico de Pierre Bourdieu, ambos se “legitimaram” como “figuras de autoridade”, ultrapassaram os “limites” do campo em que atuam e adentraram os de outros – especialmente, os do campo político. Gil, por exemplo, foi vereador em Salvador, entre 1989 e 1992. E, de 2003 a 2008, exerceu o cargo de ministro da Cultura, nas gestões do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Caetano nunca ocupou cargos institucionais, mas se envolveu em embates políticos em várias oportunidades. Em 2018, chegou a ser o destinatário de uma carta divulgada pelo então presidente Michel Temer, na qual este tentava se defender de críticas feitas por Caetano por meio do *Twitter*. Em reação à carta, e ainda através das redes sociais, o artista divulgou um vídeo em que dizia: “A última pessoa para quem o Temer escreveu uma carta comprida foi a Dilma, a turma dele deu um golpe contra ela. Será que eles vão dar um golpe contra mim? Mas é que eu sou difícil de destituir (VELOSO, 2018)¹”.

Esta análise propõe uma compreensão sobre a permanência de Gilberto Gil e Caetano Veloso como “figuras de autoridade”, mesmo tendo transcorrido cinco décadas depois de terem sido presos e expulsos do Brasil – a ponto de Gil ocupar temporariamente um cargo no aparato administrativo do Estado e Caetano merecer uma carta dirigida por um presidente da República – e ainda a ironizar os supostos “poderes” do mandatário, que seriam insuficientes para “destituí-lo” do posto que ele, Caetano, ocupa agora. Assim, a pesquisa se justifica por se tratar de duas figuras de relevância cultural e política.

METODOLOGIA

Com base nos estudos bourdieusianos, aqui chamamos de “lutas simbólicas” os embates nos quais Gil e Caetano se envolveram. É também esse aporte teórico que nos leva a chamá-los de “figuras de autoridade”, dentro e fora dos limites de seus campos de atuação. Para Bourdieu (1998), o mundo social é ocupado por uma constante luta

¹ Informações em: “Temer manda carta a Caetano, que responde: ‘Deu golpe contra Dilma’”. Publicado em 21/08/2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/temer-manda-carta-a-caetano-que-responde-deu-golpe-contradilma/>. Acesso em 11/05/2019.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

simbólica, na qual os agentes sociais disputam entre si para fazer prevalecer a sua visão de mundo e a sua ideia de consenso. Ocorre, de forma constante, uma “luta permanente para definir a ‘realidade’ (BOURDIEU, 1998, p. 118). É assim que analisamos a forma como os dois artistas se esforçaram em 1967-1968 – e continuam a se esforçar, valendo-se agora também de suas redes sociais – para tornar válidos discursos e posturas que defendiam e defendem como verdadeiros.

Na ótica bourdieusiana, o poder simbólico é utilizado pelos agentes sociais para impor uma espécie de integração entre um grupo de agentes no que se refere ao que eles entendem por “realidade”, levando a que criam num estado “natural” de coisas. Tal concepção de poder se baseia, fundamentalmente, na relação de crença entre os que o exercem e os que a ele se subordinam. É aí que se baseia a constituição de um poder simbólico e, posteriormente, da posição de “figura de autoridade”, ocupada por Gil e Caetano – graças à legitimidade que eles conquistaram junto a um determinado público, ao longo de suas trajetórias artísticas. O que legitima o agente, para que ele possa dispor de seu poder simbólico, é o seu capital simbólico – segundo Bourdieu (2001), aquilo que lhe confere prestígio, fama, reputação, enfim, elementos que, dentro do grupo, garantem-lhe a legitimidade para exercer o poder simbólico sobre os outros.

Independentemente de sua natureza, quanto maior o capital simbólico de que se investe o agente, mais vasto será o seu poder simbólico. E, como consequência, mais intensos serão os reflexos de sua construção particular de “realidade”. No entanto, o valor do capital não é imutável. A ordem da hierarquização, nas posições ocupadas pelos agentes, está diretamente ligada à forma como varia o valor dos capitais simbólicos em disputa. As modalidades de capital não têm valores fixos: a forma como eles são levados em consideração pode variar, a depender do contexto em que os agentes se lançam aos embates. Eles podem manter a legitimidade que lhes garante a dominação simbólica, ou podem perdê-la. É dessa forma que Bourdieu (2001) analisa as relações de dependência entre os capitais simbólicos e a crença dos demais agentes.

Assim, o valor do capital simbólico e a conquista do poder simbólico dependem da “importância social reconhecida” (BOURDIEU, 2001, p. 294). A legitimidade do capital precisa que outros agentes possuam com ele harmonia suficiente para estarem



dispostos a reconhecê-lo como “signo de importância” (BOURDIEU, 2001, p. 296). Quanto à mutabilidade dos valores conferidos aos tipos de capitais simbólicos, o autor a compara, por sua volatilidade, ao que ocorre num mercado de ações.

Em termos de procedimentos, esta pesquisa se baseia em entrevistas e consultas a fontes documentais (obras biográficas escritas pelos agentes pesquisados e por outros pesquisadores, documentos impressos, audiovisuais e digitais, etc.).

RESULTADOS/DISCUSSÃO

No período dos *happenings* citados aqui, Caetano e Gil foram antagonizados por adversários estéticos, jornalistas conservadores e, sobretudo, pelo agente detentor do monopólio da violência simbólica legítima: o Estado, então ocupado por militares que haviam se aboletado no poder através do golpe civil-militar de 1964.

Os eventos de 1967-1968 são ilustrativos da volatilidade que caracteriza os valores dos capitais simbólicos. No primeiro momento, a “agressão” estética operada no palco obteve, como resposta, a agressividade escancarada do público presente ao festival – que resultou no discurso em que Caetano protestou: “Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? [...] se vocês em política forem como são em estética, estamos feitos!” (VELOSO 1968 apud VENTURA, 2018, p. 202) No segundo espetáculo, na boate Sucata, em que eles potencializavam o conteúdo ensaiado no festival, ambos foram atacados por setores da imprensa, que tornaram públicas informações pouco fundamentadas sobre supostos atos de “desrespeito” ao Hino Nacional. Depois de tais atos, a consequência mais grave, em dezembro de 1968, foi a prisão de Caetano e Gil, poucos dias depois da edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Meses depois, já em 1969, viria o exílio.

CONCLUSÕES

Após verificarmos tais exemplos de disputas simbólicas, nas quais Gil e Caetano puseram à prova seus capitais simbólicos para fazer valer “visões vantajosas de si” e estabelecer o que consideravam a sua definição acerca da “realidade”, recordemos que os



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

valores dos capitais simbólicos podem variar, de acordo com o contexto do campo em que ele é utilizado.

As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado [...]. Por exemplo, o volume do capital cultural (o mesmo valeria, *mutatis mutandis*, para o capital económico) determina as probabilidades agregadas de ganho em todos os jogos em que o capital cultural é eficiente, contribuindo deste modo para determinar a posição no espaço social (na medida em que esta posição é determinada pelo sucesso no campo cultural) (BOURDIEU, 1998, p. 134).

A análise bourdieusiana leva, então, à compreensão de que um agente pode “vencer” ou “perder” embates dentro dos campos de produção simbólica em que estiver inserido. No balanço das “vitórias” e “derrotas” que obtiveram em cinco décadas de disputas de sentido, Gil e Caetano conquistaram posições a partir das quais, hoje, podem exercer o que poderia ser analisado como uma “dominação simbólica”. A interrupção dos *happenings* tropicalistas em 1968, assim como a prisão e o exílio, que poderiam ser considerados uma “derrota” ocasional diante da “violência simbólica” exercida pelo Estado autoritário brasileiro, poderiam, aos olhos de hoje e com base nessa mesma fundamentação teórica, ser analisados sob outra ótica, esta relacionada a uma posterior “vitória”, já que os dois extraíram, dessa experiência, bases para sua sobrevivência como artistas.

Em 1968, seus capitais não foram suficientes para evitar os efeitos do poder de nomeação do Estado, que lhes cravou um estigma de “subversivos”. Entretanto, em lutas simbólicas posteriores, a “importância social” voltou a ser reconhecida. Gil e Caetano, hoje, mantêm capitais simbólicos de “reconhecimento”. E, após tantas disputas de sentido, continuam a produzir simbolicamente e a ocupar posições de destaque na hierarquia do campo cultural brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Caetano Veloso; Gilberto Gil; Lutas Simbólicas.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001. 324 páginas.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. 322 páginas.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2018. 316 páginas.

“Temer manda carta a Caetano, que responde: ‘Deu golpe contra Dilma’”.

Publicado em 21/08/2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/temer-manda-carta-a-caetano-que-responde-deu-golpe-contradilma/>. Acesso em 11/05/2019.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO